

ARCO MAIOR

Ano VII . n.º 2 . Junho 2024
Gratuito . Periodicidade Semestral
ISSN 2184-2981

Destaques

- :: Viver abril
- :: Ser professor é deixar um legado que se perpetua através das mentes e corações dos alunos
- :: Entrevista ao Professor António Gaspar
- :: À conversa com Alfredo Cunha - fotógrafo da revolução de abril - e Augusto Lemos
- :: O beijo e a liberdade
- :: Memórias de um dia no Centro Português de Fotografia
- :: O dia em que nasceu Luíz Vaz de Camões
- :: Alunos em viagem - Programa Erasmus

Liberdade



Viver abril

Polo 3 – Professoras Raquel Rocha e Cristina Oliveira

No dia 3 de maio recebemos, no Arco Maior polo 3, a visita do professor Joaquim Azevedo, que se disponibilizou para nos falar sobre as suas vivências acerca do período que antecedeu a revolução de 25 de Abril de 1974.

O professor Joaquim começou por referir que, dos seus tempos de infância, recorda que, tal como muitas outras crianças, pertencera a uma turma com trinta alunos. Desses, apenas ele continuou a estudar, o que revela a mentalidade da época, assim como as dificuldades económicas da maioria das famílias, pois, logo que terminavam a 4ª classe, iam trabalhar, no caso dos meninos. As meninas só estudavam até ao 3º ano. Recordou ainda que, nessa altura, as mulheres eram muito mal-tratadas, parecia que eram pessoas de “segunda”. Sofriam de violência doméstica e de falta de liberdade, por exemplo, não podendo viajar sem autorização dos maridos.

Mais tarde, ainda como estudante, recordou a falta de liberdade, porque não se podia dar opinião e nem sequer reunir em grupo com os colegas. Apesar de haver alguns problemas na escola e no tipo de ensino, estavam proibidos de se reunir e só o faziam clandestinamente e por isso sentiam-se revoltados e injustiçados. Acrescia a isto o facto de saberem que muitos jovens da sua idade morriam na guerra colonial, uma guerra injusta e cruel. Por esta razão, o descontentamento era muito. Não era possível não agir. Começou a reunir-se com outros jovens estudantes, no Porto, clandestinamente.

Relatou também que em 1973, foi um ano em que ia haver eleições e que um irmão seu, que estava na tropa, se apercebeu que os militares se estavam a unir para derrubar a ditadura. A propósito desta informação, partilhou um episódio em que resolveu protestar clandestinamente.

Contou-nos que combinaram um encontro com um outro jovem, num jardim, mas, como não se conheciam, a forma que encontraram para se reconhecerem, era levar um jornal debaixo do braço. Não sabiam nada um do outro, o que era comum acontecer nestas situações, pois, sendo apanhados, nada sabiam uns dos outros para que não pudesse haver denúncias.



Professor Joaquim Azevedo

Imperava o medo. Assim, nessa noite a que o professor Joaquim se referiu, encontrou-se com um outro jovem e cumpriram o que pretendiam e conseguiram pintar em algumas paredes de quintas com as palavras de ordem “Eleições livres”, “democracia”, “liberdade”, “fim da guerra colonial”.

No regresso a casa, quando passavam pela cidade de São João da Madeira, já de madrugada, foram abordados e recorda que ouviram: “Alto aí, nem mais um passo”. Apesar de tentarem disfarçar, ainda tinham vestígios de tinta nas mãos. Foram presos. Foram depois libertos mediante o pagamento de avultadas multas.

Foi um extraordinário momento de partilha, que permitiu realizar um debate muito interessante e significativo. Foi um privilégio poder ouvir na primeira pessoa estes testemunhos, tornando viva e presente uma parte da nossa história e constituindo uma referência para os nossos alunos. Foi uma experiência muito enriquecedora.

Nos 50 anos do 25 de abril, recordamos as canções de protesto

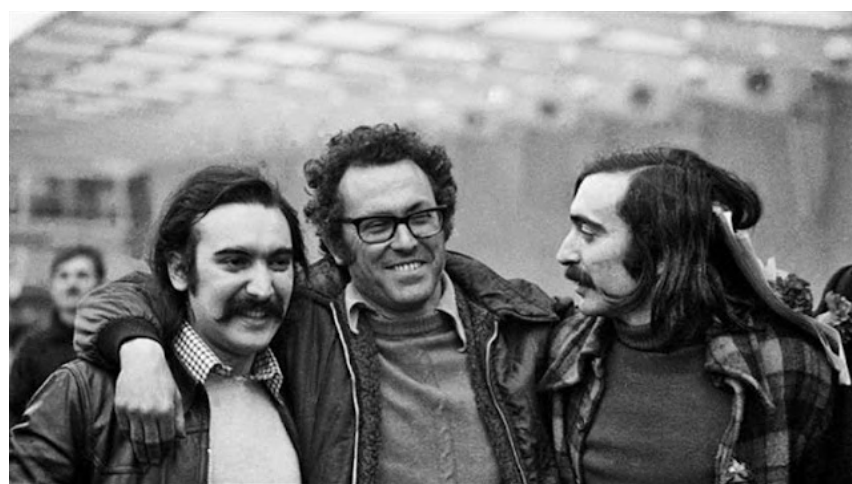
Músicas de Intervenção

Polo 3 – Formadora Ana Costa

No dia 25 de abril de 1974, Portugal entrava numa nova página da sua história, uma página mais solta, mais livre, era o fim da Ditadura que começou em 1933. O Movimento das Forças Armadas deu início ao Golpe de Estado que iria derrubar a Ditadura de António Oliveira Salazar e que ficou conhecida como a Revolução dos Cravos.

Para fugir à apertada censura que se fazia sentir nesses negros dias, a música foi a chave para dar início às movimentações. Às 22h55 do dia 24 de abril de 1974 “E Depois do Adeus” de Paulo de Carvalho foi a primeira senha para o início das movimentações do Movimento das Forças Armadas. Poucas horas depois, quando passavam 25 minutos da meia-noite do dia 25, “Grândola, Vila Morena”, a segunda senha da revolução, foi anunciada no programa “Limite” da Rádio Renascença, confirmando que a revolução seria naquele dia.

Apesar de ter sido a segunda música utilizada naquela noite para desencadear a revolução, a canção de José Afonso, mais conhecido como Zeca Afonso, tornou-se um tema icónico e ficaria para sempre ligado a esse momento, continuando a ser o que mais rapidamente se identifica com os acontecimentos dessa madrugada.



Cantores de intervenção no período da revolução

Ser poeta por um dia

Polo 3 – Professora Raquel Rocha

No dia 21 de abril do corrente ano, os alunos do Arco Maior, polo 3, participaram no Concurso de poesia, promovido pela equipa dinamizadora do projeto relativo ao V centenário do nascimento de Camões e professores de Português, na Escola D. Pedro I.

Escrever é uma arte, é uma forma de nos expressarmos e de nos libertarmos, mas é simultaneamente uma tarefa árdua, pois requer técnica, persistência e muita criatividade. Propor aos alunos uma atividade de escrita, regra geral, origina alguma resistência, todavia, contrariamente

ao que se poderia pensar, quando foram desafiados a participar neste concurso, os alunos mostraram muita receptividade e deram largas à sua imaginação.

Foi sob o mote da “Liberdade” e do “Amor” que escreveram vários poemas com os quais muito bem representaram o Arco Maior. Não foram vencedores de prémios, porém, retiraram o valor acrescentado deste tipo de situações. Surpreenderam-se com o que foram capazes de produzir, compreenderam melhor o poder da palavra e que o maior ganho foi participar.

EU SOU LIBRO! Ser ou não ser... Eis a questão!

Polo 3 – Professoras Inês Afonso, Isabel Matias e Odete Duarte

Os livros são essenciais na formação, educação e aprendizagem de todos e permitem viajar sem fronteiras em total liberdade. Somos livres.

Este projeto surgiu da necessidade de fomentar nos alunos o gosto pela leitura, motivando-os para a importância do hábito de ler, bem como, a necessidade de construir uma biblioteca no Arco Maior, polo 3.

Conscientes de que alunos, que leem, desenvolvem as competências de escrita e adquirem uma maior capacidade de compreensão, análise e interpretação da informação, a equipa pedagógica, em conjunto com os alunos, decidiu concretizar este projeto. Assim, metemos mãos à obra.

Começámos com o projeto de leitura “10 minutos a ler” e, de repente, surgiu a ideia de compilarmos as nossas receitas num livro. Neste âmbito foram realizadas outras atividades que contaram com o apoio de várias disciplinas. Os intervenientes envolveram-se e empenharam-se no projeto, de modo a que a nossa biblioteca se tornasse uma realidade.

“A leitura é, provavelmente, uma outra maneira de estar em um lugar”.

José Saramago



Alunos na hora da leitura

Leitura Expressiva “Os ovos misteriosos”



Alunos do Polo 3 – JI, Meiral

No ano da graça de 2024, a 14 de maio, pela matina, as 4 turmas de crianças da Escola do Meiral foram surpreendidas pelos alunos do Arco Maior 3. A sua missão? A leitura expressiva do conto “Os ovos misteriosos” a crianças dos 3 aos 5 anos, e que bem que foi cumprida!...

Longo foi o caminho percorrido e intenso o treino de preparação dos nossos agentes. E como chegaram longe... Surpreenderam-se, surpreenderam-nos (a todos) e cativaram, sem sombra de dúvida, a atenção da pequenada.

As crianças, entusiasmadas, receberam-nos de braços abertos. Durante a leitura, foi ótimo ouvir as gargalhadas dos petizes, ver como os seus olhos brilhavam, sentir as emoções que todos sentimos: adolescentes, crianças e adultos (professoras e assistentes operacionais). Vivenciámos uma verdadeira partilha de almas, permitindo colocar em ação o melhor de cada um.

E os abraços? Ah... Que bons abraços! E a despedida? Simplesmente um mar de emoções, que palavras jamais poderão traduzir... Difícil, foi a saída.

À Conversa com Alfredo Cunha

- fotógrafo da revolução de abril - e Augusto Lemos

Polo 1 – Ana Lopes

No dia 22 de maio, alguns alunos do Arco Maior, Polo 1, tiveram o privilégio de assistir à sessão de encerramento das comemorações dos 50 anos do 25 de abril. Assistiram a uma palestra intitulada “À conversa com Alfredo Cunha - fotógrafo da Revolução de abril e Augusto Lemos” - militar que esteve sob o comando de Salgueiro Maia.

Alfredo Cunha foi um dos principais fotógrafos da Revolução de 25 de abril de 1974, captando algumas das imagens mais divulgadas do acontecimento. A estas juntaram-se outras, anteriores à revolução ou sobre a descolonização, com a chegada dos “retornados” a Lisboa em 1975. Foi e, ainda é, fotógrafo, sendo um dos mais prestigiados repórteres fotográficos do país.

Augusto Lemos era, na altura, um jovem cadete, aspirante a oficial, na coluna militar liderada pelo capitão Salgueiro Maia. Atualmente reformado, foi professor e dedicou-se, também, à fotografia.

No início da sessão, foi projetado um excerto do filme, realizado para as comemorações dos 50 anos do 25 de abril, com as obras fotográficas de Alfredo Cunha, que resulta como um pequeno resumo e principal testemunho dos acontecimentos do dia da revolução, com a banda sonora original do compositor Rodrigo Leão e ilustrações do Vilhs.

Augusto Lemos foi o primeiro a falar e, nas suas palavras como militar, não houve feridos nem mortos, foi quase uma revolução sem armas. Mais tarde, tirou as balas que não usou da sua arma e guardou-as até hoje, chamando-lhes “as balas do 25 de abril”. Segundo o próprio, “foi uma das únicas guerras em que não foi preciso disparar”. Na altura, os jovens, aos 18 anos, eram obrigados a cumprir o serviço militar por 3 anos e 3 meses com uma grande possibilidade de ir combater em Angola, Moçambique ou Guiné, “chamava-se ir dar os sinais”. No seu caso pessoal, era um jovem soldado, que estudou Economia durante 3 anos e, depois de desistir, foi para Mafra por ter o pé raso.



Alfredo Cunha

Na madrugada do dia 25 de abril, foram para Lisboa pela autoestrada e foi a primeira vez que teve medo, porque passou pelo quartel do RALIS e imaginou que depois das portagens ia estar cheio de canhões, mas acabaram por “passar por lá e não havia canhões nenhuns”. Lembrou com piada um pequeno acidente em que, num cruzamento, havia um semáforo e um carro civil parou num vermelho, o que originou uma travagem brusca da coluna militar.

No dia da revolução, chegaram de madrugada ao Terreno do Paço que era sede do governo. Corria uma “notícia” muito assustadora de que iriam ser atacados, no entanto, só houve um tiro, foram só ameaças. O que aconteceu, entretanto, passou-lhe um pouco ao lado, pois, por ordem dos seus superiores, ficou nas primeiras horas a guardar um oficial de alta patente, fardado com botas de montar. Havia o medo de que ele pudesse ter armas escondidas.

Lembra-se de ver um fotógrafo, mais tarde soube ser Alfredo Cunha, que estava muitas vezes escondido, “meio estátua” para conseguir tirar as fotografias.

Quando regressaram a Santarém, já havia uma multidão na avenida, os carros a buzinar e as pessoas na janela a festejar.

Em seguida, falou Alfredo Cunha que optou por interpelar os alunos para saber que perguntas queriam fazer.

À primeira respondeu que, “...quando alguém quer fazer alguma coisa, faz. Quem quiser fazer o que for preciso, tem de fazer as coisas, caminhando.” E que esse é o principal conselho que pode dar aos jovens.

Quanto à importância desse dia, referiu que “a revolução era inevitável, já tinha havido tentativas anteriores e, se não fossem bem-sucedidos, poderiam ser todos mortos.”

Uma professora apontou um facto sobre as fotografias: “há poucas mulheres na rua”. Alfredo Cunha responde que eram uma minoria, pois quem sofria mais na altura eram as mulheres, havia sempre um registo machista. Na época, havia apenas uma mulher fotógrafa, Beatriz Ferreira. As mulheres e as crianças eram quem sofria mais.

Sobre a fotografia que, mais tarde se tornou o ícone da revolução, a do Salgueiro Maia, o herói, tal é um pouco injusto, porque estavam lá 5 mil militares, com vários objetivos e funções, e o “herói” tinha um único objetivo! “Uma injustiça foi terem negado a reforma ao capitão Salgueiro Maia. Ele acabou por ser negado!” E a famigerada fotografia “só foi aceite passados uns anos!”

Alfredo Cunha, a propósito desse dia, afirma “o dia mais feliz da minha vida foi o dia 25 de abril. Viva a liberdade!”. E lembrou que quem dissesse isso na ditadura era preso ou morto. Não se podia dizer. Existe um livro sobre isso, “quem quiser saber mais, tem lá no livro. Tem vários até.”

Recordou que o “fulano (Salgueiro Maia) era um bom organizador de festas e organizou a maior festa que nós tivemos na História”, a revolução, mas, inicialmente, “era um golpe de estado.” Quando as pessoas começam a sair à rua, acompanham os militares. “Foi a loucura total. Um povo inteiro!”

Alfredo Cunha continuou dizendo que “os últimos 50 anos do 25 de abril são um privilégio. Grande mudança, grande liberdade.” Acontece que hoje parece que “está tudo em causa, saúde, ensino...”

Recordou que teve medo, a cavalaria não defendeu o regime, não disparou e isso tornou possível o dia 25 de abril, “uma coisa que deve ser dita”.



Fotografia por Alfredo Cunha



Augusto Lemos

Questionado sobre o que faria se pudesse voltar atrás, respondeu: "... se pudesse tirava dez vezes mais fotografias". Cada rolo tinha 36 fotos, ele tinha 40 rolos. No final, fez 1340 fotografias, 40 rolos para o dia 25 de abril, o que hoje lhe parecem poucas fotografias.

Sobre o momento mais marcante para ele, "havia um helicóptero às 3 da tarde para bombardear as pessoas, teve três vezes ordem para disparar e não disparou."

A sessão terminou com a satisfação de todos os presentes e seguiu-se um almoço no Restaurante Pedagógico Alexandre Soares dos Santos, no Arco Maior Polo 1.

Os formandos Ana Lopes e Gaspar Fonseca foram os organizadores do almoço e decoraram a mesa com o tema 25 de abril, mas tiveram a colaboração do Carlos Costa e Gonçalo Faria.

O serviço que escolheram foi «serviço à mesa», pois há uns anos era assim que se servia, ainda não se via assim, tantas vezes, o empratamento conhecido por serviço à americana. Foi um pouco mais difícil, no dizer dos jovens organizadores, pois havia o risco de, ao servir, acontecer algum acidente. Contudo, foi a oportunidade para mostrarem o seu conhecimento no serviço de mesa.

A ementa selecionada foi meticulosamente escolhida, tendo em conta os costumes da altura que tiveram de pesquisar.

Da entrada, constou um prato de sopa que foi denominado «sopa à operário», lembrando a sopa que as famílias com menos posses comiam.

Como prato principal, foi servido «feijoada de lulas», porque, da pesquisa feita, constatou-se que foi o almoço de um dos capitães de abril nesse dia.

Para terminar esse momento e adoçar o paladar dos convivas, foi servido o pudim de ovos da autoria do formando Gaspar.

Foi um momento de convívio com muitas pessoas simpáticas que durante a refeição estiveram a reviver este dia 25 de abril de há 50 anos.

Para os formandos, foi uma grande aprendizagem poderem presenciar estes momentos.

O almoço terminou com toda a gente feliz com muitos agradecimentos e reconhecimento pelo serviço que foi prestado pelo Arco Maior e pelos formandos do Polo1.



Almoço pedagógico com os convidados

“Ser professor é deixar um legado que se perpetua através das mentes e corações dos alunos.”

Polo 3 – Professora Isabel Matias e formadora Ana Costa

Este foi o mote da conversa com a professora da primária Maria de Lourdes Bastos Paula, sobre como era ser professor antes do 25 de abril, e como essa data foi um ponto de viragem no nosso país. Nascida em 1943 e natural de Lamego, iniciou a sua atividade profissional em outubro de 1962, na Região do Douro e Grande Porto, terminando-a em 1996.

Tendo uma vasta experiência no ensino, uma pergunta se impunha: “como eram as aulas na escola primária antes e depois do 25 de Abril?”. Fora dos grandes centros, as escolas eram, por vezes, casas de habitação com uma sala onde se lecionava e, por baixo da sala de aula, existia uma “loja”, que era onde se guardavam os animais.

Lecionava-se às 4 classes (anos) em simultâneo, com alunos dos 7 aos 11 anos. O que é que se lecionava? Português, Aritmética (Matemática), Ciências, Geografia e História, Desenho à Vista, Educação Moral, Canto Coral e Lavoros (trabalhos manuais).

A responsabilidade social era repartida entre professor, alunos e pais (por exemplo, a limpeza das salas ficava a cargo destes). A educação dos alunos também. Os pais tinham muita confiança nos docentes, que estavam ali para educar os seus filhos e, muitas vezes, incentivavam-nos até a castigá-los fisicamente, “se ele se portar mal, dê-lhe uma sapatada”. Nessa altura, a disciplina dentro da sala de aula era muito rígida. Desrespeito à Hierarquia e Disciplina? Proibido. Inaceitável. Dos alunos esperava-se que seguissem regras rígidas. Questionar? Nem pensar... Seguiam uma conduta de respeito com colegas e professores.

E se tal não acontecesse? “Trabalhava” a palmatória, também conhecida por “menina dos 5 olhos”, em situações de mau comportamento.

A nossa convidada confessa que não era fã da palmatória; se a usou, duas vezes foi o máximo. No entanto, colegas havia que o faziam regularmente, pois tinham instruções do Ministério nesse sentido. Os alunos tinham de passar. Se houvesse mais de 1/3 de reprovações, ocorria uma avaliação ao professor para averiguar a causa do insucesso escolar.



Professora Maria de Lourdes Bastos Paula, com os alunos do polo 3

Havia elementos decorativos que eram obrigatórios. Na parede da sala, um crucifixo e as fotografias do Presidente da República (Américo Tomás) e do Presidente do Conselho (António Oliveira Salazar) eram indispensáveis. Ao entrarem na sala de aula, o “Sinal da Cruz” era inevitável; cantar o Hino Nacional, imprescindível. Caso para dizer, “Cruzes” Credo!”

Liberdade de imprensa, não havia. A ditadura, na altura, suprimiu todas as liberdades democráticas da República liberal. Reinava a censura aos jornais, livros e espetáculos, nomeadamente o cinema e o teatro.

A censura de literatura existia ao nível mais avançado de literacia. Escapavam os miúdos até aos 12 anos, que ajudavam os pais nas atividades rurais após o período das aulas. Como as famílias eram de poucas posses, não tinham, por hábito, a leitura. Existia um desconhecimento profundo sobre assuntos políticos. Nos meios pequenos (aldeias), as informações, por vezes, eram partilhadas e discutidas nas tabernas e cafés de uma forma muito superficial. A censura fazia-se sentir indubitavelmente nas grandes cidades.

Quem fiscalizava os cartazes, anúncios, avisos e quaisquer impressos, manuscritos, desenhos ou publicações? A PIDE (Policia Internacional de Defesa do Estado). Era inaceitável que estes contivessem qualquer boato, ultraje às instituições republicanas, injúria, difamação ou ameaça contra o Presidente da República, ou ainda que instigassem os cidadãos portugueses a faltar ao cumprimento dos seus deveres militares. Cometer atos atentatórios da integridade e independência da Pátria? Jamais. Veicular informação capaz de alarmar o espírito público ou de causar prejuízo ao Estado? Completamente impensável.

Felizmente, antes do 25 de abril de 1974, no seio da sua família não se registaram casos de problemas com a PIDE. Contudo, noutras ocorreram perseguições por manifestarem opiniões contrárias ao Estado Novo. Exemplos disso são os de Humberto Delgado (e sua morte), de Álvaro Cunhal e Mário Soares (que foram presos).

No dia da Revolução dos Cravos, estava a professora em sua casa de licença de parto do 3º filho. Eis senão quando, viu o grande acontecimento na televisão, que foi também partilhado pelas rádios da época. Sentiu alguma apreensão até perceber o que se iria passar nos dias seguintes, e não uma grande euforia como seria de esperar. À medida que as notícias eram divulgadas com mais pormenor, começou a sentir mudanças no meio político.

No primeiro dia de aulas após a revolução não existiu uma mudança marcante de imediato. Houve uma alteração nos programas, mas de um modo gradual. Ao longo dos anos seguintes surgiram os sindicatos. O seu objetivo era assegurar a formação dos professores para os novos métodos. E na maneira de lecionar após o 25 de Abril, houve a transição na abordagem pedagógica, passando de uma visão mais autoritária do ensino centrada no professor para uma abordagem mais participativa e centrada no aluno. “Na formação de professores, maior rigor, maior abrangência, maior ênfase na pedagogia e no programa de formação.”

Nos alunos, expandiu-se o acesso à educação; o ensino tornou-se obrigatório (independentemente da origem, género e condição socioeconómica dos alunos) e passou a haver maior liberdade de expressão. Os alunos já não se sentiam oprimidos para expressar opiniões e dúvidas.

Na área de Currículos e Conteúdos, o conteúdo das aulas foi revisto para eliminar a influência ideológica do Estado Novo, tornando-se mais abrangente e inclusivo. Os métodos de ensino eram mais variados, faziam-se trabalhos de grupo, projetos, aprendizagem baseada em problemas e outras técnicas que estimulavam o pensamento crítico e a colaboração entre alunos (em contraste com ênfase na memorização e repetição). Na avaliação dos discentes, incluíram-se trabalhos, apresentações orais e as avaliações contínuas.

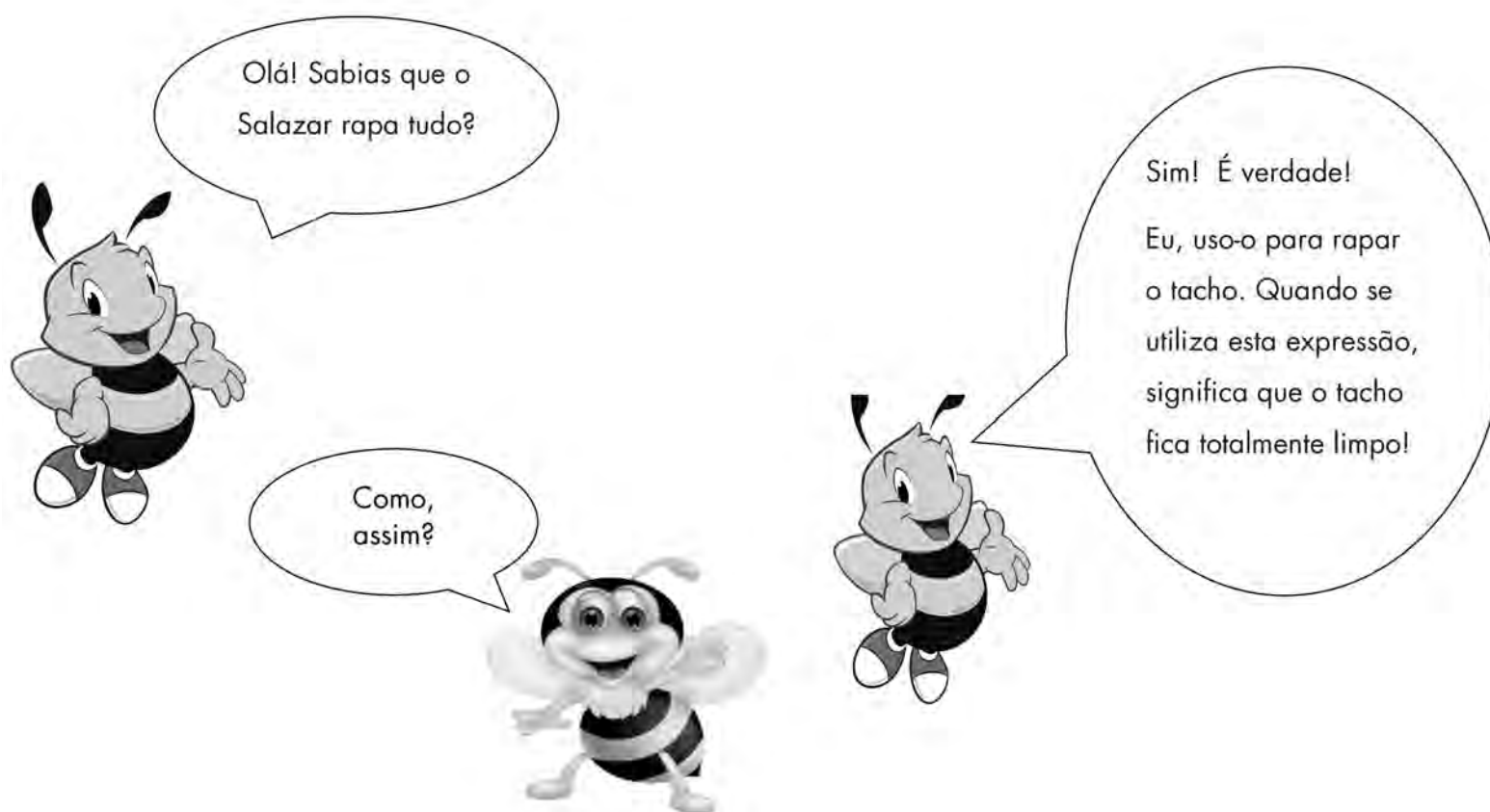
“E saudades? Sente falta de alguma coisa?” Com um olhar saudosos, a professora Maria de Lurdes retorquiu “Sinto falta do contacto e o reconhecimento por parte dos alunos, da sua disponibilidade para participarem nas atividades escolares, da empatia que existia com alunos e encarregados de educação, do acompanhamento da evolução do aluno após os 4 anos de escolaridade” e, sem dúvida, “da valorização do trabalho do professor na sociedade.”

Afinal, ser Professor é ser agente de mudança, transformar o futuro.



Professora Maria de Lourdes Bastos Paula

António Salazar e o “Salazar” na Cozinha



Visita ao Museu dos Descobrimentos

Polo 3 – Professora Cristina Oliveira

O World of Discoveries é um espaço que reconstrói a fantástica odisseia dos navegadores portugueses, que cruzaram oceanos à descoberta de um mundo desconhecido.

Também Camões, em *Os Lusíadas*, poema heróico que o imortalizou, exalta os Descobrimentos Portugueses, com base na viagem de Vasco da Gama à Índia.

Os Descobrimentos lançaram a humanidade numa era de globalização e mudaram para sempre a nossa relação com o planeta. Portugal teve um papel protagonista neste processo durante séculos a fio, criando novas rotas oceânicas, as quais permitiram a circulação de pessoas, animais e plantas por todo o mundo.

No dia 6 de junho, foi a vez dos alunos do Arco Maior, polo 3, terem oportunidade de embarcar nesta fantástica aventura e partir à descoberta de novos mundos.

Foi um momento de convívio e de aprendizagem, que certamente ficará na memória de todos os participantes!



Alunos do polo 3 no Museu World of Discoveries



O dia em que nasceu Luís Vaz de Camões

Aos vinte e três dias do mês de maio (pensa-se), do ano de 1524, nasceu o mui nobre e ilustre Luís Vaz de Camões, dando a conhecer ao mundo os seus feitos da Nação e da Língua.

Assinalando-se no corrente ano o seu quingentésimo aniversário, não poderíamos deixar passar este dia sem a celebrar. Numa tentativa de ajudar os novos alunos chegados a conhecer e permitir que se conhecessem, desenvolvemos um primeiro trabalho: “Perguntei por mim, quis saber de mim”, que culminou, entre outras coisas, na redação de autobiografia.

Após a escrita sobre a sua vida, os alunos foram desafiados a analisar os aspetos relevantes da vida do maior poeta português, a partir da elaboração da sua biografia. Ao analisarem, puderam constatar que, apesar do que se passa com muitos jovens, também Luís Vaz de Camões enfrentou aventuras e dificuldades. Isso pode ser considerado um bom exemplo de perseverança.

ões de janeiro
24, nasceu o
az de Camões,
ndo os gloriosos
gua Portuguesa.

te ano o
sário, não
r esta efeméride
tativa de integrar
s ao nosso polo
assem melhor,
ro projeto:
saber de nós”,
s atividades, na
s.

a própria vida,
os a descobrir
a e obra do
través da
afia. Assim,
a semelhança
tos dos nossos
de Camões
culdades e por
o um grande

Conhecer alguns dos poemas mais significativos da lírica camoniana foi uma oportunidade para mergulhar na riqueza do vocabulário, pertinência e intemporalidade de diferentes temas. Descobrir a mensagem oculta por detrás das palavras despertou a curiosidade dos alunos e a nós, professores, alimentou a esperança de gerar neles alguma mudança. Reconhecer a eloquência e o estilo sublime de Camões é a melhor forma de o homenagear.

Aproxima-se o final do ano letivo e com ele a concretização de um outro projeto: “Sou livro”. “Foram tantas as tormentas que tivemos de enfrentar”, mas, apesar das tempestades, vencemos a resistência inicial à leitura. Depois de adotar, em sala de aula, o projeto “10 minutos a ler” do Plano Nacional de Leitura, passou-se à construção de uma biblioteca, espaço concebido com o objetivo de motivar e incrementar, nos alunos, o gosto pela leitura.

Ler é vital para o desenvolvimento emocional e intelectual. Investir neste domínio é um incentivo à descoberta do prazer da leitura e da riqueza que ela nos pode proporcionar.



Trabalhos dos alunos do Arco Maior - polo 2 a propósito dos 50 anos do 25 de abril

Celtic Box Cup

Polo 2 – Jorge Moura

Estávamos no início de setembro de 2023, quando fui pela primeira vez de viagem para fora de Portugal em busca de mais um título na minha modalidade, o pugilismo.

O torneio era o Celtic Box Cup, na Irlanda, na cidade de Dungarvan, uma cidade incrivelmente verde e pura, onde maioritariamente há moradias e espaços verdes, mas até mesmo o centro é maravilhoso com pequenos prédios e estabelecimentos de estrutura não muito grandes. O ambiente limpo e saudável deixou-me maravilhado, porque às vezes não temos noção sequer de quão bonita é a natureza pela falta dela nas zonas citadinas, como Porto e Lisboa. Os grandes descampados verdes, as montanhas e as florestas que parecem não ter fim são simplesmente mágicas, um facto que achei interessante e adorei ver foi os corvos que lá havia em abundância, uma das aves que mais admiro neste mundo.

Falando mais em concreto no torneio em si, podemos reparar logo de imediato no ambiente e transmissão de amor à modalidade, que não é tão existente cá, em Portugal (porém cada vez mais tem tido público). O facto de não haver muitas bancadas e os irlandeses serem fãs de boxe há muito tempo leva o pavilhão a ficar cheio de pessoal que está ali para ver a modalidade e não só apenas um atleta. Lá dentro tem imensas cadeiras à volta do ringue, mas elas são quase inúteis, porque quase todos estão de pé e quase encostados aos juizes de fora do ringue.

Nesse torneio, realizei dois combates. O primeiro contra um atleta do Afeganistão, mas estava integrado numa equipa irlandesa. O segundo (a final) foi contra um irlandês de uma equipa relativamente conhecida na Irlanda. O meu primeiro combate no Celtic Box Cup acabou 5-0, decisão unânime para mim (Arrow Boxing Gym). No meu segundo combate, consegui apenas um aviso público a meu favor e abrir uma contagem, esse combate também foi unânime, portanto 5-0, porém, por ser a final, tive direito a aparecer num site Irlandês <https://www.irish-boxing.com/celtic-box-cup-results/> Male Youth B – 60kg Jorge Moura (Arrow Boxing Gym) beat Christopher Stapleton (Phoenix Ballyboughal) 5-0.



Jorge Moura com a medalha

O regresso para Portugal foi uma enorme aventura. Tudo começou depois do torneio. Eu e a minha equipa, o Coach André Silva, o António Rodrigues, o José Bolela e o Hugo Costa, juntamente com a equipa do Boavista Futebol Clube, fomos jantar ao centro de Dungarvan. Depois, como surgiu a oportunidade, ainda conseguimos visitar o centro da cidade de Dublin, muito idêntico à baixa do Porto. Ainda tive a oportunidade de ver uma raposa na baixa de Dublin, algo que me surpreendeu. Quando finalmente estávamos para embarcar, tivemos um pequeno problema, o tamanho da mochila do nosso treinador. Além deste pormenor, houve outros contratemplos, nomeadamente com os voos e tivemos de dormir no chão daquele mesmo aeroporto. Finalmente chegámos. O Sr. Toni, pai do António Rodrigues, tentou chegar o mais rapidamente que conseguiu para nos deixar em casa e, por isso, acabou por estacionar num sítio inapropriado e, para acabar da mesma maneira que começou a viagem de volta, com azar, foi parado pela polícia (cerca de 20 minutos a ouvir e ver o polícia a querer complicar-nos a vida a todos nós logo pela manhã e sem dois dias de bom descanso). Cheguei a casa já depois das 08:30 e, mesmo assim, decidi vir à escola, ao Arco Maior.

Alunos em Viagem - Programa Erasmus

A minha experiência em Portugal tem sido muito boa. É a primeira vez que venho a este país, mas sinto-me muito confortável. No geral, notei que as pessoas são mais amigáveis do que em Espanha e que a comida é do meu agrado. A verdade é que não encontrei nenhum tipo de problema, porque pude contar com a simpatia e paciência dos professores e alunos do Arco Maior.

Porto, 15/05/2024
Alexander Aragones, "Fundação Tomillo"
aluno em Erasmus

Nem tudo é o que parece. Conheci pessoas com quem me dei bem e sentirei a falta delas.

Porto, 23/05/2024
Warter Meneses, "Fundação Tomillo"
aluno em Erasmus

Uma experiência inesquecível. Estar aqui, foi como um sonho finalmente realizado.

Porto, 23/05/2024
Nerea Estevan, "Fundação Tomillo"
aluna em Erasmus

Foi uma oportunidade única, que me tirou da zona de conforto.

Porto, 22/05/2024
Salma Benali, "Fundação Tomillo"
aluna em Erasmus

Nem tudo foi bom, mas agora que superei os meus problemas, tenho conseguido aproveitar cada dia que estou no Arco Maior e aprender muitas coisas. Sou grata a eles.

Porto, 22/05/2024
Lucia Mata Gabaldón, "Fundação Tomillo"
aluna em Erasmus

Diverti-me muito, conversando, rindo e cozinhando com todos. A comida portuguesa é deliciosa e mal posso esperar para fazer alguns destes pratos para o meu parceiro.

Porto, 21/05/2024
Duna Gutiérrez, "Fundação Tomillo"
aluna em Erasmus



Grupo de Erasmus - Fundação Tomillo

Tem sido uma experiência incrível, conheci todo o tipo de pessoas e passei ótimos momentos aqui em Portugal. "I love Portugal".

22/05/2024
Alicia Pamplona Soria, "Fundação Tomillo"
aluna em Erasmus

Memórias de um dia no Centro Português de Fotografia

Polo 4 – Professor Filipe Gama

No âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de abril, a turma 1 do pólo 4 do Arco Maior foi numa viagem ao passado e ao presente da fotografia portuguesa, visitando o Centro Português de Fotografia (CPF), no Porto. Localizado no antigo edifício da Cadeia da Relação, o CPF transportou-nos para um ambiente carregado de história, memória e reflexão.



Registo fotográfico dos alunos da turma 1, da visita ao Centro Português de Fotografia

Ao cruzarmos o portão de entrada, não pudemos deixar de lembrar da história trágica de Camilo Castelo Branco e Ana Plácido, imortalizada na obra "O Amor de Perdição". As paredes de pedra fria, outrora testemunhas de sofrimento e aprisionamento, agora abrigavam um espaço dedicado à celebração da arte e da liberdade.

A nossa primeira paragem foi a exposição temporária "Despojos de Guerra", que nos confrontou com a dura realidade dos veteranos amputados na Guerra Colonial. As imagens impactantes e os relatos emocionantes convidaram-nos a refletir sobre o preço humano dos conflitos e a importância da paz.

Em seguida, mergulhamos na história recente de Portugal com a exposição "Esta Máquina, Esta Objetiva, Estas Fotografias", uma colaboração entre Alfredo Cunha e Vhils. Revisitamos os momentos marcantes da Revolução dos Cravos e celebramos a conquista da liberdade e da democracia.

A visita ao CPF foi uma experiência enriquecedora que nos permitiu explorar diferentes facetas da fotografia e da história portuguesa. As imagens, os objetos e os relatos convidaram-nos a refletir sobre temas como a guerra, a liberdade, a memória e a importância da arte como ferramenta de expressão e transformação social.

As memórias do CPF ficam aqui gravadas, inspirando-nos a lutar por um futuro mais justo, livre e tolerante, todos os dias.

O 25 de abril

No vento da mudança,
um brado ecoou.
No pulsar do povo,
a esperança brotou.
Abril despertou,
Com o sol a brilhar.
E Portugal inteiro,
viu a liberdade chegar.
Nas ruas de Lisboa,
o povo se uniu.
Com cravos vermelhos,
a ditadura partiu.
Gritos de alegria
romperam o ar,
e a noção se ergueu,
para o novo abraçar.
Os muros da opressão desabaram então,
e a voz do povo ressoou na canção.

Délcio Agostinho



Liberdade

Em asas de vento,
Liberdade voa.
Alma livre,
sem correntes à espreita.
Nas alturas do céu,
ela se escoia.
Em cada respirar,
em cada peito.
Liberdade é o rio,
que flui sem destino.
É a essência,
que pulsa em cada ação.
Nas estradas abertas,
ela caminha.
Nas mentes livres,
ela floresce.
Em corações abertos,
ela caminha.
Em cada sorriso,
ela resplandece.

Délcio Agostinho



Poesia Livre

Polo 1



No dia 25 de abril a liberdade nasceu
Com cravos nas mãos, o povo se ergueu
Nas ruas, a ditadura cedeu
E um novo tempo amanheceu

Com coragem, soldados marcharam
Os silêncios da opressão calaram
Uns novos futuros sonharam
E a esperança, enfim conquistaram

Hoje, lembramos com emoção
O dia em que o medo caiu no chão
Portugal encontrou a sua razão
E abraçou, enfim, a revolução

Patrícia Gomes

Num país sem liberdade
A revolta reinou
Numa madrugada de abril
A Pátria se libertou

Na luta pela democracia
Os homens resistiram
No dia 25 de abril de 1974
Os cravos floriram

A liberdade tem 50 anos
É preciso não esquecer
Devemos continuar a lutar
Para a liberdade não morrer

Gaspar Fonseca

Ser livre é sorrir sem medo
É ter um rumo no caminho longo
É poder viver de outro modo
E ter o sol que nasce para todos

Ser livre é saber viver
No mundo sem desigualdade
É saber resistir ao ódio
E lutar pela fraternidade

Ser livre é dizer não
E lutar contra a injustiça
É usar o cravo da liberdade
E trazer no peito a conquista

Bruno Silva



Sem travar ou ter medo

É possível ser livre
E decidir o teu destino

É possível sonhar
Estudar e ter futuro

É possível imaginar
O futuro sem escravidão

É possível acreditar
Numa sociedade sem injustiças

É possível votar
Lutar e igualar

É possível viver
Sem chorar e odiar

É possível o cravo conquistado
No teu peito e na voz

André Margarido

Qual é a cor da liberdade?
A liberdade tem a cor do cravo vermelho
Da esperança e da paz de abril

Qual é a cor da liberdade?
A liberdade tem a cor do sonho
Da vida e do amor

Qual é a cor da liberdade?
A Liberdade tem a cor da madrugada
"do dia inicial inteiro e limpo"

Qual é a cor da liberdade?
A liberdade tem a cor da canção
"a paz, o pão, habitação, saúde, educação"

Marta Sofia



Entrevista ao professor António Gaspar

Polo 3 – Professoras Raquel Rocha e Cristina Oliveira

António Gaspar, profissional de Educação Física, professor e treinador de competição. Foi Diretor Técnico Nacional do Desporto para jovens durante doze anos, o que, juntamente com a sua vasta experiência profissional, lhe permitiu conhecer muito bem este público.

Assume-se como um cidadão do mundo, porque nasceu em Macau; cresceu em Moçambique e já trabalhou no Japão, na Austrália, na América do Sul, em Angola, Portugal, Espanha e Itália.



Professor António Gaspar

Gosta muito de falar e de conviver com as pessoas, fazendo com que olhem para a outra face da moeda. Assim, numa agradável conversa, o professor partilhou com os alunos do Arco Maior 3 a sua experiência como aluno antes da Revolução de 1974, procurando demonstrar que na nossa vida temos sempre várias alternativas. Temos de escolher aquela que nos leva ao que queremos.

Kelly - Atendendo à celebração dos 50 anos da revolução do 25 de abril, e tendo em conta as mudanças que esse

acontecimento trouxe ao nosso país, gostaríamos de entrevistar quem viveu na primeira pessoa este importante momento. Desde já, agradecemos a sua disponibilidade em colaborar connosco. Esta atividade é muito importante para nós.

Como era a sua vida familiar e escolar antes do 25 de abril?

Professor - Eu tinha 16 anos, na altura da Revolução do 25 de abril. Estava em Lourenço Marques, capital da província ultramarina de Moçambique. Apesar de ter essa idade, já tinha alguma vivência, porque o que aconteceu em abril de 74, podia ter acontecido numa outra altura. Houve tentativas anteriores e lembro-me que, por exemplo, em 1969, eu vivia em Coimbra e houve uma crise académica. Apesar de ter 11 anos, vivi essa crise porque a minha irmã era estudante universitária. Nesses tempos, se estivessem duas ou três pessoas paradas, a polícia não deixava. Por norma, a polícia andava de cavalo nas ruas e, ao ver duas a três pessoas juntas, obrigava-as a dispersar. A isso chamava-se repressão. Quanto a mim, ia fazendo o que me cabia fazer, que era ir às aulas, ser educado, portar-me bem.

Beatriz - Na sua família alguém teve problemas com a PIDE?

Professor - Sim e não. Na família da minha mãe havia quatro raparigas e três rapazes. Dos três rapazes, um fugiu para Alemanha. Assim, a partir do momento em que ele fugiu para a Alemanha, toda a família passou a estar identificada na PIDE.

Kelly - Como eram as aulas e os manuais dessa altura?

Professor - As salas estavam arquitetonicamente construídas de maneira a que o professor ficasse sempre mais alto que os alunos, o que indicava um domínio sobre eles. Havia toques para entrar e quando tocava, os alunos iam imediatamente para a sala de aula. O professor dava ou “debitava” a matéria e nós fazíamos cópias e ditados. Os alunos só falavam se o professor desse autorização ou pedisse. A partir da Revolução, começou a haver uma “certa libertinagem” que foi o aluno poder levantar a mão.

Uma outra diferença em relação a atualidade é que na altura não havia manuais. Havia livros. Assim, durante muitos e muitos anos, os livros eram sempre os mesmos. Todos tinham na capa o símbolo da Mocidade Portuguesa; eram livros que, para além de ensinarem, passavam uma mensagem que era a submissão de todos nós à doutrina de António Oliveira Salazar. Eu estudei pelos da minha irmã, que já tinha estudado pelos de outros primos, porque mantinham-se os livros por imensos anos.

Beatriz - O que é que era proibido fazer nas aulas?

Professor - Tudo aquilo que se faz hoje!

Durante a minha vida de aluno, levei duas reguadas, uma delas porque o professor estava a falar e queria todos virados para a frente. Eu estava virado para a frente, mas sentado de lado, o que levou o professor a dar-me a reguada.

Nós íamos para a sala de aula para aprender e tudo o que não fosse aprender, não podíamos fazer. O professor falava e nós ouvíamos, nem havia hipótese de contestar. Nós ouvíamos para entender, hoje os alunos ouvem para responder, não procuram entender, começam logo a dizer coisas. Falar com o colega do lado, nem pensar!

Andei numa escola só de rapazes, não tínhamos contacto nenhum com as raparigas. Isso permitia que os professores tivessem uma linguagem diferente com os rapazes e as raparigas, o que condicionava, desde logo, a formação das mentes dos alunos.

Na altura, havia castigos físicos para quem se portava mal, ou para quem não soubesse o que supostamente deveria saber. Havia o caso de serem mandados para o fundo da sala, de costas. Por vezes, colocavam-se orelhas de burro, com a turma toda a ver, era uma situação humilhante. Ninguém contestava isto, até porque, se alguém se queixasse, ao chegar a casa, ainda levava mais, pois era uma ofensa ao professor e ao estado. Podia igualmente acontecer, ficarmos sem intervalo.

Beatriz - Certamente que recorda o dia 25 de abril de 1974 com clareza. Pode descrever-nos sumariamente o que fez nesse dia?

Professor - Quando cheguei a casa, estava um rádio na cozinha e lá estavam também a minha irmã, a minha mãe e uma tia que vivia connosco. Por meio de um pedido de silêncio começaram a dizer que tinha havido uma revolução e que me preparasse que teríamos que ir para a metrópole. (Já era a segunda vez que alguém me dizia aquilo)

Desde o 25 de abril, altura da revolução, até ao dia 21 de agosto, altura em que regresssei a Portugal, aconteceram muitas coisas. Deixou de haver aulas; começamos a dizer coisas que não dizíamos antes. Aprendi em 24/ 48 horas termos que nunca me tinham passado pela cabeça, nem sabia que existiam, por exemplo, a palavra fascismo. Então dizíamos: “fascismo nunca mais”, entre outras coisas.

Beatriz - Quais foram as principais consequências que esta revolução trouxe à sua vida?

Professor - A principal consequência para mim e para milhares de portugueses foi cortar a possibilidade das pessoas viverem bem e terem de deixar nas ex-colónias tudo o que tinham. A maior parte das pessoas eram emigrantes autorizados e de repente tiveram que deixar tudo. A outra consequência foi ter a possibilidade de ter a vida rica e maravilhosa que tenho tido até hoje. Se não fosse o 25 de abril, não tinha ido para o curso que gostava e não tinha tido oportunidade de conhecer o mundo como conheço!

Beatriz - Que balanço faz da revolução dos cravos?

Professor - São mais os aspetos positivos do que negativos. Houve a possibilidade das pessoas serem livres, não estarem sujeitas a repressão e poderem levar a vida que queriam. No contexto escolar, havia respeito, mas o mesmo era imposto pelo medo. O professor mandava, os alunos cumpriam. Agora, há o exagero, um respeito não controlado. Não respeitam, não ouvem. Hoje em dia, a falta de medo (ainda bem) liberta um bocado o respeito.

Kelly - Damos por encerrada a entrevista, destacando três ideias-chave do que nos referiu. A primeira é que antes do 25 de abril não havia 2ª oportunidade, depois, havia muitas penalizações físicas e castigos. Por último, não havia liberdade.

Beatriz - Em nome do polo 3 do Arco Maior, agradecemos a sua presença e partilha.

O beijo e a liberdade

Antero Afonso, maio 2024

Um jornalista, António Santos, conta como e quantas vezes foi preso pela GNR por beijar a namorada em público. Era proibido!

Eu beijava às escondidas ou em sítios ermos. Tinha sido conduzido à esquadra da polícia, mas por ter sido apanhado nas escadas da Faculdade de Economia, com a acusação de estar a protestar contra a prisão de José Afonso, um cantor de coragem. Um estudante preso dentro da Universidade onde estudava. Era o Estado Novo no seu melhor!

A minha educação sexual foi feita às escondidas – os livros, as conversas, os filmes sobre o tema eram censurados – com uma lanterna debaixo dos cobertores, iluminando as palavras do livro de Egas Moniz «Educação Sexual», que a censura proibira, e que me obrigou a recorrer vezes sem conta, ao dicionário. Guardava-o, religiosamente, no esconderijo de onde o tirava, dias consecutivos. A repressão sexual era um dos orgulhos do Estado Novo. No Liceu Alexandre Herculano, no Porto, exclusivamente masculino, íamos, aos magotes, para o campo de jogos de onde se avistavam as alunas do Rainha Santa Isabel, exclusivamente feminino, guardado da nossa proximidade por polícia, que nos impedia o acesso às grades, perto das quais circulavam raparigas, vestindo saias, porque o uso de calças lhes era proibido.

O namoro era vigiado. Os rapazes faziam a sua iniciação sexual com prostitutas, levados por amigos ou pelos pais, porque a moral sexual do Estado Novo exigia às raparigas virgindade até ao casamento. Os que não iniciavam

com prostitutas, defrontavam-se com a ignorância e o medo na aproximação ao corpo da mulher. Elas com medo de engravidar, eles com a ignorância e o desconhecimento que limitavam a relação. Fora das relações heterossexuais tudo era considerado anormal e doentio.

Em 1973, fui à boleia até Espanha e de Espanha em comboio até Paris. Conheci uma rapariga e, num passeio pela cidade, de súbito, em plena via pública, no meio da multidão, ela beijou-me, perante a indiferença de quem passava e o meu sobressalto. Creio que deixei de respirar durante o tempo que durou aquele primeiro beijo e que, refeito, comecei a respirar liberdade em todos os beijos que se seguiram. Era tão simples, tão bonito e tão permitido! Participei em conversas públicas e privadas, tive acesso aos livros proibidos que só conhecia de nome, aos discos que falavam da pátria amordaçada, aos filmes. Descobri o corpo, as ideias e os ideais e vi, como Almada Negreiros, aquela palavra que sobe: Liberdade!

Quando regresssei a Portugal, passei de novo a fronteira fechada, carregada e triste, mas trazia na memória o ideal que me faria lutar, por todos os meios, pela dignidade que nos traz a liberdade!

Meio ano volvido, na manhã que se seguiu ao meu aniversário, o sol brilhou nos cravos vermelhos, na ponta das espingardas e os beijos saíram à rua em bocas famintas de amor. Estávamos, finalmente, livres!

Até para beijar.



Ilustração Carmoblue, 2016

Editorial

Nesta edição do Jornal do Arco Maior pretende-se partilhar com a comunidade os projetos e as atividades desenvolvidas durante o segundo semestre, no âmbito da comemoração do 50º aniversário do 25 de abril e do 500º aniversário de Luís Vaz de Camões. Agradecemos o empenho e a dedicação de professores, formadores, alunos e demais colaboradores. Obrigada a todos!

FICHA TÉCNICA

Direção do jornal
Ana Marcos & José Moreno

Coordenação editorial
Equipa Pedagógica do Arco Maior, polo 3

Redação
Professores, formadores e formandos dos 4 polos do Arco Maior

Fotografia
Professores, formadores e formandos dos 4 polos do Arco Maior

Edição de imagem
Arco Maior, polo 3

Desenhos de capa
Arco Maior, polo 3

Produção
Arco Maior, polo 3

Execução gráfica
LabGraf, Vila Nova de Gaia

Impressão
Penagráfica, Penafiel

Apoios
Família Soares dos Santos e Fundação Manuel Leão

ARCO POLO 1 . GALIZA - GERAL
910 908 410 . arcomaior@gmail.com

ARCO POLO 2 . CAMPANHÃ
225 360 634 . arcomaior2@gmail.com

ARCO POLO 3 . GAIA
927 643 519 . arcomaior3gaia@gmail.com

ARCO POLO 4 . CARVALHIDO
965 055 648 . arcomaior4@gmail.com